

## OCCIDVA PLAGA – O JOGO DAS PALAVRAS

---

*António Rodrigues de Almeida*

Devo confessar, antes de mais, que na altura em que tive conhecimento da realização deste colóquio e do par de palavras que lhe servia de tema, eu não sabia o que entender por *occidua plaga*.

Pus algumas hipóteses: "ocidental praia" dita lusitana (Camões), região ou chaga ou praga / ocidental ou mortal ou mortífera? Um olhar pelos títulos das comunicações que já então faziam parte do programa provisório mostraram-me, no entanto, que toda a gente sabia o que era *occidua plaga*, e isso foi confirmado não só pelos títulos das restantes comunicações que entretanto completaram o programa, mas ainda e sobretudo pela bela composição gráfica do poster do colóquio, com o mapa, com as doze letras de *occidua plaga* estendidas desde a costa hispânica aos nortes da Escandinávia e, como se isso não bastasse, com um olho enorme e bem aberto que eu sentia espantado com a minha ignorância solitária. Para a vergonha sentida, procurei consolo na consulta de dicionários, de textos latinos e de obras de teoria linguística. O que encontrei sobre isto é o que passo a expor e diz respeito ao jogo das palavras.

Cada língua é um jogo. Um jogo que é objecto: tem os seus dados, as suas regras e ocupa um lugar. É um jogo que é processo: tem os seus jogadores, as suas circunstâncias e as suas funções.

Os dados do jogo são as palavras; elas são a base do jogo e portanto da língua. As regras dizem respeito às palavras: são regras internas, que se aplicam às diferentes partes que as integram, e são regras externas, que se aplicam à criação e à combinação das palavras. Por último, o seu

lugar é o espaço da memória.

Os jogadores são os utilizadores, quer em espaço exterior, no uso oral ou escrito, quer no espaço interior, em uso silencioso. Os jogadores têm normalmente companheiros de jogo, embora possam jogar a sós. As circunstâncias do jogo são as dos seus jogadores. A função do jogo é eventualmente a de comunicar e por vezes a de transmitir informação, mas com frequência é meramente lúdica.

O jogo tem ainda os seus árbitros, que velam pelo uso correcto dos dados e das regras, e que na época histórica são gentes de letras, que actuam instalados, mediante a acção da escola, no espaço da memória de cada jogador.

As palavras resultam de registos no espaço da memória de impressões auditivas, visuais, tácteis e articulatórias. Consideramos, pois, uma palavra não como uma forma com um significado, algo como um *uerbum cum re*, ou uma folha com uma face que é a forma e a outra face que é o significado. Uma palavra é, sim, um aglomerado de formas, resultante de registos diferentes das múltiplas entradas realizadas quer em simultaneidade quer em tempos diferentes. E não o dizemos em linguagem figurada: em primeiro lugar, porque estes registos ocupam realmente um espaço físico, aliás espaços físicos, determinados hoje em neurologia separadamente para cada tipo de registo (visual, auditivo, articulatório, táctil) e com extensão desigual em cada um dos dois hemisférios cerebrais; em segundo lugar, porque a via dupla das entradas é fundamental, nomeadamente nas de tipo visual, auditivo e táctil, e tem como consequência o registo localmente diferenciado em cada um dos hemisférios cerebrais.

Tal como as palavras são aglomerados de formas, também as entidades significadas corespondem a aglomerados de registos. Referir-nos-emos, daqui em diante, às entidades significadas como "coisas", fazendo uso da dicotomia *uerba / res*, que é tão frequente nos autores latinos. O lugar de registo das formas das "coisas" não é coincidente com o ocupado pelas formas das palavras, pelo que a ligação entre umas e outras implica a existência de indicadores recíprocos e de um trajecto que viabiliza a ligação entre elas. Estes indicadores são fundamentalmente resultantes da simultaneidade das entradas e dos registos mas são, também e com frequência, introduzidos posteriormente.

A aquisição da linguagem é feita num período relativamente curto da vida da criança e está em relação com a maturação do sistema nervoso: num processo com uma duração de cerca de 2 anos a partir dos 10-12 meses, a criança adquire o essencial da estrutura (vocabulário e regras) da língua: a criança está naturalmente dotada da capacidade de aquisição de um grande número de palavras e da dedução e aplicação das regras

internas e externas a que nos referimos. Esta capacidade inata corresponde a memória acumulada ao longo da cadeia de gerações em que a criança se insere e que se traduz biologicamente na aptidão para repetir automaticamente o fundamental do percurso dos seus progenitores. A aquisição da língua é, nesta fase, naturalmente eficiente, automática e insere-se num processo marcadamente lúdico.

Esta aquisição diz respeito geralmente a uma única língua. A aquisição de outra língua, feita posteriormente, não altera grandemente os registos relativos às "coisas", que serão ligados às formas das palavras da nova língua e que virão constituir os dados do novo jogo.

Considerando globalmente o jogo das palavras, e tendo em conta a distribuição e arrumação destas no espaço da memória, há que distinguir dois grupos distintos. Em primeiro lugar, o das palavras de acesso imediato: são de uso muito frequente, de extensão e número relativamente pequenos, adquiridas cedo no processo de aquisição da linguagem, associadas às "coisas" próximas do mundo circunstante e às respectivas relações entre elas, e constituem um grupo bastante homogéneo e coeso nos vários utilizadores. Em segundo lugar, o das palavras de acesso remoto: são palavras de uso menos frequente, de extensão variada, em grande número, acumuladas ao longo dos anos, associadas a "coisas" remotas no espaço e ou tempo e frequentemente estranhas ao utilizador, e constituem um grupo eventualmente heterogéneo e diferenciado nos vários utilizadores.

Considerando, ainda, globalmente o jogo das palavras, e tendo em conta a sua aquisição e registo, há que distinguir igualmente dois tipos distintos: em primeiro lugar, as aquisições individuais, feitas desde o início da vida do utilizador; em segundo lugar, as aquisições colectivas distintas não só simultaneamente para cada um dos utilizadores, mas também diacronicamente ao longo dos tempos na sucessão das gerações individuais.

Assim como, ao nível do indivíduo, os vários registos se processam sem eliminar os anteriores, assim também, ao nível da cadeia de gerações, os registos mais recentes não eliminam os registos anteriores. Estudos experimentais sobre a memória mostram mesmo que, ao nível do indivíduo, o início e o final de uma série de registos são privilegiados na durabilidade da retenção. Relativamente à memória colectiva em diacronia nada poderemos dizer de semelhante, mas os estudiosos da linguagem não deixaram de se ocupar da questão desde há muito, particularmente na etimologia. Varrão, mestre de muitas coisas, assinala mesmo vários graus na descoberta da memória das palavras, considerando o último desses graus reservado exclusivamente a iniciados: *ubi est adytum et initia regis* e que permite o acesso à *scientia*, à verdade, das palavras.

Há, no entanto, neste recuar gradual para as gerações mais antigas, um momento em que a dificuldade se atenua. Esse momento corresponde à invenção e uso da escrita, e chamo aqui a atenção para a importância que lhe atribui Cícero, ao ver nela o meio que o Homem passou a ter à sua disposição para superar as barreiras do espaço e do tempo.

Passarei aqui ao latim, aproveitando para ilustrar esta questão. O latim é um jogo de palavras. Que poderemos nós saber dele se recuarmos uma centena de gerações? A história do latim estende-se ao longo de 26 séculos, desde o primeiro documento, a fíbula de Preneste, ou seja desde um tempo afastado de nós cerca de uma centena de gerações. "Mânio fez-me para Numério" / "*Manios med fefaked Numesioi*" / "*Manius me fecit Numerio*". "Mânio" / "*Manius*" e "Numério" / "*Numerioi*" são palavras muito circunscritas no espaço e no tempo, e é compreensível que a ausência de uso tenha relegado as formas para os fundos dos arquivos da memória, embora não as regras que se lhe aplicam no reconhecimento das suas diferentes partes e nos lembrem palavras em uso corrente e associadas a "coisas" do nosso mundo circunstante. Mas já "*fefaked*" / "*fecit*" / "fez" e "*med*" / "*me*" / "me", transmitidas ao longo de tantos séculos, mantiveram na sequência de dezenas e dezenas de registos formas tão pouco diferenciadas que as identificamos sem grande esforço, ou seja sem termos de dispor de regras complicadas, sem precisarmos de qualquer iniciação.

É isto o que temos, recuando cerca de dois milénios e meio: mesmo dando nomes diferentes às duas línguas de que fazem parte, as formas das palavras de agora identificamo-las facilmente com registos memorizados há muitas gerações antes. E se recuássemos mais cem gerações, entrando pela pré-história do latim e indo mesmo para além do latim? Estaríamos no IV/V milénio a.C.: como seriam "Mânio", "fez", "me", "Numério"? Não temos documentos escritos, e por isso a identificação das formas torna-se difícil e insegura. Mas se considerarmos que, no jogo das palavras, há que ter em conta, para além das respectivas formas, também as "coisas", as regras, o lugar onde são guardadas, os utilizadores, as circunstâncias da sua utilização e as suas funções, concluiremos que muitos são os recursos que se nos oferecem para nos aventurarmos na recuperação da memória mais remota. E muitas são as "ciências" que podem contribuir para essa iniciação: a arqueologia, a biologia, a geografia, a etnologia, a mitologia, e muitas outras -logias; e ainda a reflexão, a comparação e muitos outros processos que designamos por palavras em re-, em com- e em -ão.

E passamos aqui a *occidua plaga*. No jogo das palavras, temos duas formas que fazem cada uma parte de um aglomerado de formas e que estão associadas, por assim dizer indexadas, respectivamente a duas

"coisas", ou melhor, a dois aglomerados de "coisas". O aglomerado de cada forma é constituído pelos seus registos diferenciados correspondentes não só a valores casuais diferentes, mas também aos vários tipos de registo (visual, auditivo, articulatorio, táctil) e às várias circunstâncias dos registos. O aglomerado de cada "coisa" é igualmente constituído pelos vários registos diferenciados correspondentes aos vários tipos de registo (visual, auditivo, táctil, olfativo e gustativo) e às várias circunstâncias dos registos, nomeadamente de tempo e de lugar, feitos quer individualmente quer colectivamente, e quer em sincronia quer em diacronia. A combinação das duas palavras corresponde a um processo que realiza nos espaços da memória a selecção de registos de cada aglomerado de formas e de cada aglomerado de "coisas": essa selecção depende dos jogadores e das circunstâncias do jogo, e ainda da função deste.

Examinámos um grande número de textos até ao século XVI, incluindo todos os que nos restam até ao século III e uma selecção muito ampla de textos de autores cristãos dos séculos restantes e ainda as obras históricas de Orósio, Gregório de Tours, Beda, Geoffrey of Monmouth, Ginés de Sepúlveda e Jerónimo Osório. Servimo-nos dos dicionários de latim (antigo: *TLL*, Forcellini e *OLD*; medieval: gerais e especiais da Itália, Hungria e Polónia; cristão; tardio; normativo; etimológico), de Indo-europeu, das línguas românicas, do *Corpus Glossariorum Latinarum* e das listas de palavras de Gradenwitz e de Roberto Busa. As diferenças entre todas estas obras são grandes: o catálogo das formas que podemos estabelecer com base em cada uma não é coincidente e o que se diz a propósito das entradas, quando coincidentes, varia bastante. As obras que se nos mostraram mais úteis foram a de Gradenwitz, o *OLD*, o *TLL* e o *Novum Glossarium Mediae Latinitatis*.

Consideremos, pois, *occidua plaga* e comecemos por *occidua*. Em Gradenwitz encontramos *occiduus*, que aparece duas vezes em Busa, e a que os dicionários e textos tardios e medievais acrescentam *occiduum* e *occidua*. Recorrendo aos textos, verificamos que as diferentes formas ocorrem em número muito reduzido: cerca de quatro dezenas de vezes nos textos até ao séc. IV e pouco mais de uma centena de então até ao século XVI. Funcionam quase exclusivamente com valor adjetivo, mas em latim tardio e medieval todas as três formas ocorrem também, embora excepcionalmente, como substantivos. Analisando a forma, ou seja aplicando as regras de desconstrução da forma, determinaremos três grupos de palavras: o das palavras com *-cid-*, o das começadas por *oc-* e o das terminadas em *-uus*: Gradenwitz dá-nos para cada um cerca de 200 formas (203 para o primeiro grupo, 181 para o segundo e 212 para o terceiro), formas aparentemente bastante heterogéneas, de que seleccionare-

mos 17 formas: as começadas por *occid-* (9 formas: *occidaneus, occidens, occidentalis, occidio, occidium, occido, occido, occidualis, occiduus*) e as terminadas por *-ciduus* (9 formas: *acciduus, occiduus, innociduus, succiduus, succiduus, deciduus, inciduus, prociduus, exciduus*), sendo uma coincidente, obviamente *occiduus*.

Verificando nos dicionários do latim antigo, que assinalam a quantidade das vogais, notamos que o *i* de *cid* é marcado longo numas formas e breve noutras: aplicando as respectivas regras, concluímos que das 17 formas seleccionadas há que considerar em separado as que têm o *i* longo e a essas juntar as que têm *-caed-* (11 formas: *bucaeda, caeda, caedes, caedo, caedrus, caeduus, concaedes, incaeduus, lapicaedinae, percaedo, silvicaedus*) e as que têm o *i* breve e a elas juntar as que têm *-cad-* (34 formas: *abracadabra, accado, cadabundus, cadaver, cadaverinus, cadaverosus, cadesco, cadialis, cadivus, cadmea, cadmia, cado, caducarius, caduceator, caduceatus, caduceum, caduceus, caducia, caducifer, caducifer, caducum, caducus, cadulus, cadus, cadytas, cicada, concado, decada, hemicadium, icades, incaducus, praecadens, quidquidcadiae, supercado*). O grupo das formas em *-cad-* e o das formas em *-caed-* haveriam que ser restringidos, mas não há tempo aqui. Observamos apenas que em formas terminadas em *-uus* o *-caed-* não se altera, e que, inversamente, o *-cad-* se altera sempre. *Occiduus* considerar-se-á portanto do grupo de *-cad-*.

Isto quanto à forma. Quanto à "coisa" significada, e seguindo o OLD, *occiduus* é adjectivo e diz-se 1) primeiro, do sol (e ainda de outros corpos celestes): "declinar até desaparecer no horizonte", e do que está relacionado com o pôr do sol: da tarde e do anoitecer; 2) segundo, do dia e da noite: "declinar, findar", e ainda da idade e da vida das pessoas: "envelhecer, morrer"; 3) por último, da região ou quadrante onde o sol se põe: "ocidental". Estes três tempos correspondem a fases cronologicamente distintas dos registos em memória da "coisa" significada: o de olhar para o céu e ver o espectáculo do sol que desce e se esconde na noite, queiram os deuses que para voltar no dia seguinte; o de olhar o mundo em volta e vê-lo iluminado pelo sol e vê-lo esvair-se para dentro da escuridão, numa sucessão sem fim; o de olhar para si próprio, para o próprio acto de olhar e para o escoar inexorável da própria luz e da própria vida; por último, o de olhar o céu para o dividir em quadrantes, contando e medindo, ou seja raciocinando, após olhares sem conta da mesma realidade. A primeira fase situar-se-á num tempo bastante remoto, para antes do latim, a última fase num tempo algo recente, já no latim histórico. A palavra para os registos da primeira ou das primeiras fases seria algo como *\*opcaduos*, mas todos eles se vêm finalmente a quedar em *occiduus*, onde os encontramos no latim histórico.

De passagem, lembremos apenas que *occidens* é a palavra comumente usada para significar o sol poente no latim antigo; *occidentalis*, usado a partir de Aulo Gélío torna-se, no entanto, cada vez mais frequente e no latim medieval é a forma adjectiva mais usada, enquanto o número das "coisas" significadas se amplia ao mesmo tempo: dito de um povo ou de uma pessoa, "mortal", "que conduz à morte", "mau", "que torna pecador".

*Plaga*. Em Gradenwitz encontramos-la duas vezes, formando aparentemente grupo com outras dezassete formas, ampliadas no início ou no final, e que a quantidade da vogal de *pla*, assinalada nos dicionários do latim antigo, permite arrumar em dois grupos distintos. Nos mais de 3000 contextos em que encontramos *plaga*, nas suas diferentes formas casuais, verificamos que ela se associa a um número não muito grande de "coisas": corpo, espaço físico, caça. O OLD considera duas entradas em separado e indica para cada uma várias "coisas" significadas: 1. a) Golpe, pancada; b) ferida; 2. a) extensão (de terra, mar, céu); b) território, região; uma parcela (de terra, etc.); uma zona climática; c) pedaço de tecido ou de papel. d) rede de caça; teia. *Plaga* é, por outro lado, uma forma muito mais frequente que *occiduus*.

Até ao séc. III, para além do uso poético, avulta o uso técnico, particularmente em textos da medicina ("ferida") e das ciências da natureza ("extensão"); mas a partir de então, embora tal uso ocorra com alguma frequência, as "chagas" e as "pragas" dominam os textos latinos, e uma infundável lamentação atravessa os doze séculos, expressa pela palavra "plaga" desdobrada nas suas várias formas casuais: isso deve-se fundamentalmente aos comentários dos textos bíblicos, sendo os Egípcios responsáveis pelo grande número de "pragas" e as provações ou castigos de algumas figuras bíblicas responsáveis pelo número de "chagas". Mas, no total, restam-nos ainda um pouco mais de mil ocorrências em que *plaga* se associa a espaço físico, ou seja àquilo que nos leva ao seu uso com *occiduus*.

*Plaga* encontra-se frequentemente ocorrendo com palavras que formam um grupo coeso e designam os quatro pontos cardiais ou os quadrantes geográficos, correspondendo a cada uma das quatro partes em que se considera dividido o céu (*orientalis, occidentalis, septentrionalis, meridiana* ou sinónimos), embora possa designar igualmente o céu em toda a sua extensão, assim como a terra, o mar e o mundo (*caeli / mundi / orbis / maris / terrae plaga*). Encontra-se ainda frequentemente associada a espaços geográficos amplos, que se diversificam no latim medieval: praia, costa, margem de rio, encosta, campo, lado, local livre para construção – diversificação de "coisas" significadas que é acompanhada eventualmente do uso de novas formas de base *plag-*, como *plagea, plagia, plagium, plagiaría* (?), *plagina* (?).

Voltando ao ponto de partida, *occidua plaga* é de uso excepcional nos textos considerados: *occidua*, que aparece cerca de uma vintena de vezes nos textos analisados, embora ocorra em contextos em que *plaga* poderia encontrar-se também, foge quase sempre a esse encontro.

De facto, *occidua plaga* é do jogo dos poetas e os árbitros da língua não autorizam que, para "região ocidental", se use *occidua pars* e muito menos *occidua plaga*, mas apenas *pars occidentis*.

Admitamos que *occidua plaga* é "região ocidental": e isso é o quê realmente? De facto, no espaço vasto e no tempo vasto em que é utilizada a língua latina, "região ocidental" é muitas coisas, dependendo do ponto em que se encontra ou em que se imagina o utilizador da língua: nos textos analisados, é a Hispânia ou parte da Hispânia ou um todo de que a Hispânia faz parte, é a Itália, é o Noroeste africano, é o mundo a ocidente para cá do Médio Oriente ou parte desse mundo, é o Atlântico, o mar do Norte, a *Anglia*, a *Flandria*, a *Scotia*, a *Dacia*, a *Norvegia*, a França, a Europa, os habitantes dessas regiões, a terra a ocidente do paraíso ou a ocidente da Terra Santa, ou ainda o que está além de tudo isto para os lados em que o sol se põe, e mesmo os gentios, os maus.

Se procurarmos a imagem que é significada por *occidua plaga*, o que teremos é um quadro com muitas "coisas": uma região plana vasta, com o sol por cima deslizando no côncavo do céu que desce, ao longe, ao encontro da terra, eventualmente com um mar ao fundo: nela o espectador vê mais "coisas" ou menos "coisas", seleccionando uma ou outra, conforme o seu tempo, o seu lugar, o seu interesse, e ainda as suas circunstâncias ou os seus objectivos. É uma imagem que pressupõe um observador, ou antes, muitos observadores que registam imagens sucessivas do sol que cai e das alterações que acompanham esse cair no mundo em volta; mas são também as imagens de muitos observadores que ao longo das gerações e em lugares diferentes registaram o mesmo espectáculo nas circunstâncias mais variadas, e que as acumularam nos fundos do quadro, ou seja nos fundos da memória. É um quadro que não é sempre igual e que se transforma, alargando-se e enchendo-se de "coisas": reduzido quando o espaço geográfico do latim e dos seus utilizadores é o Lácio, progressivamente mais amplo com a expansão a partir do séc. III a. C. e, por fim, quando no séc. XVI a expansão é global e não há espaço para o sol realmente se pôr, *occidua plaga* acaba como o registo de um engano da memória. Porque, de facto, para entendermos a ligação entre as palavras e as "coisas", precisamos de entrar no depósito da memória, e dar vida às "coisas" esquecidas: encontrar, por exemplo, o porquê de *occidua plaga*, já que *plaga* não cai nem se põe, mas sim o sol, e o sol não está em *occidua plaga* mas apenas um vazio de sol, um sol que se encontra apenas na memória remota das palavras.



**Bibliografia**

- A. R. DAMASIO and H. DAMASIO, «Brain and language», in *Scientific American*, Sept. 1992.  
 Id., *Lesion analysis in neuropsychology*, Oxford University Press.  
*Cerveau et comportement, Sciences et Avenir*, hors-série n° 17, 1976.  
*Le cerveau et la mémoire, Science et Vie*, hors-série n° 162, Mars 1988.  
*La mémoire, La Recherche*, n° 267, Juillet/Aout 1994.
- B. MILNER (ed.), *Hemispheric specialization and interaction*, Cambridge, Mass., The MIT Press.
- I. ROSENFELD, *L'invention de la mémoire*, Paris, Champs/Flammarion.
- F. ARNALDI, *Latinitatis italicae medii aevi inde ab a. CDLXXVI usque ad a. MXXII lexicon imperfectum*, Bruxelles, Union académique internationale.
- A. BARTAL, *Glossarium mediae et infimae latinitatis regni Hungariae*, Leipzig, Teubner.
- F. BLATT. & Y. LEFÈVRE, *Novum glossarium mediae latinitatis ab anno DCCC usque ad annum MCC*, Hafniae, Ejnar Munksgaard.
- A. BLAISE, *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*, Turnhout, Brepols.
- C. D. BUCK, *A Dictionary of selected synonyms on the principal indo-european languages*, The University of Chicago Press.
- R. BUSA (ed.), *Totius Latinitatis lemmata*, Milano, Istit. Lomb. Accad. di Sc. e Lett.
- D. DU CANGE, *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, Paris, Librairie des Sciences et des Arts.
- A. ERNOUT – A. MEILLET, *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, Paris, Klincksieck.
- A. FORCELLINI, *Totius latinitatis Lexicon*, Padova, Tip. Semin.
- P. G. W. GLARE [et. alii], *Oxford Latin Dictionary*, Oxford, Clarendon Press.
- G. GOETZ, *Corpus glossariorum latinorum*, Leipzig, Teubner.
- O. GRADENWITZ, *Laterculi vocum latinarum*, Leipzig, Hirzel.
- J. PH. KREBS – J. H. SCHMALZ, *Antibarbarus der lateinischen Sprache*, Basel, Schwabe.
- W. MEYER-LUEBKE, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, Winter.
- J. F. NIERMEYER – C. VAN DE KIEFT, *Mediae latinitatis lexicon minus*, Leiden, Brill.
- M. PLEZIA – CH. WYSSENHOFF-BROZKOWA, *Lexicon mediae et infimae latinitatis Polonorum*, Kraków, Polska Akademia Nauk.
- J. POKORNY – J. B. HOFMANN, *Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen*, Leipzig, de Gruyter.
- A. SOUTER, *A glossary of later Latin to 600 a.D.*, Oxford, Clarendon Press.  
*Thesaurus Linguae Latinae*, Leipzig, Teubner.
- A. WALDE – J. B. HOFMANN, *Lateinisches etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, Winter.